



Cadernos de História da Educação, v.16, n.3, p.859-862, set.-dez. 2017
ISSN: 1982-7806 (On Line)

DOI: 10.14393/che-v16n3-2017-19

RESENHA

POR UMA MEMÓRIA VOCACIONAL RENOVADA

In search of a renewed vocational memory

Por una memoria vocacional renovada

YOMARA FEITOSA CAETANO DE OLIVEIRA FAGIONATO¹

CHIOZZINI, Daniel Ferraz. **Memória e História da Inovação Educacional no Brasil: o caso dos Ginásios Vocacionais (1961/1970)**. Curitiba: Appris, 2014.

Recebido em: junho de 2017

Aprovado para publicação em: agosto de 2017

¹ Doutoranda em História do Tempo Presente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Estado de Santa Catarina. Integrante do Grupo de Pesquisa “Culturas Escolares, História e Tempo Presente” da UDESC, e do Laboratório de didática da FURB (Ladih). Bolsista de Doutorado pela Capes na Universidade do Estado de Santa Catarina. E-mail: yocaetano@hotmail.com

A obra *Memória e História da Inovação Educacional no Brasil*² produzida por um autor experiente na investigação científica deste tema, sendo alvo de seu mestrado colaborou com novas reflexões sobre a articulação entre História e Memória de um projeto de Inovação educacional: os ginásios vocacionais. Lançou luz na construção histórica do seu projeto político-pedagógico, através de vozes dissonantes de alguns personagens, enriquecendo o olhar sobre a cultura da escola vocacional, que tinham como ponto principal a atuação dos professores e protagonismo dos alunos e alunas. Com formação sólida no campo, Daniel Ferraz Chiozzini é doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), além da filiação institucional com a Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) integra o grupo de pesquisa *História das Instituições e dos Intelectuais da Educação Brasileira*, da mesma instituição.

Daniel Ferraz Chiozzini ao apresentar uma história da experiência escolar dos Ginásios Vocacionais, iniciada em 1961 e encerrada via intervenções em todas as suas unidades, em 12 de dezembro de 1969, não só contribuiu historiograficamente com o campo, mas forneceu subsídios para uma reflexão sobre a escola pública brasileira, ao publicar em formato de livro a tese de seu doutoramento. Esta obra é fruto de uma longa e densa pesquisa sobre o sistema de ensino dos vocacionais, sendo organizado em três capítulos, quando articulou História e Memória, com destaque para as mudanças de posição política do Serviço de Ensino Vocacional (SEV), responsável pela coordenação dos ginásios, sob a batuta da educadora Maria Nilde Mascellani, frente ao cenário da política repressiva empreendida pelo regime ditatorial no decorrer dos anos 1960. Metodologicamente, investigou os sentidos das memórias individuais e coletiva inscritas nas diversas fontes: entrevistas e gravações de reuniões pedagógicas, e, ainda dispôs em confronto documentos oficiais e particulares.

No primeiro capítulo, intitulado: *a gênese da inovação educacional e os ginásios vocacionais*, o pesquisador analisou as crises internas acontecidas no sistema vocacional, dando destaque para os anos de 1963, 1965 e 1968, sendo alguns conflitos de natureza política e outros de natureza administrativa. No cenário da política durante os anos de existência dos vocacionais, o Estado de São Paulo contou com nove secretários de educação, e constantes ameaças de cortes de verbas, bem como subverter a forma de contratação de seus professores e da admissão de alunos e alunas. Identificou a partir de 1966, ano de formatura da primeira turma do ginásial, iniciativas de sistematização do conhecimento produzido nas escolas desde seu início.

Neste capítulo enunciou algumas divisões internas e a produção de diferentes memórias através das vozes dos educadores, como importantes para confecção da dissonância na construção do projeto educacional do vocacional, ao mesmo tempo, evidencia este espaço escolar de inovação em condições de trabalho docente tais como: horas-aula remunerada de planejamento, trabalhos em equipe com jornada controlada por suas atribuições, salário e tempo integral na mesma instituição, com redução de alunos por sala. Por outro lado, havia a pressão por expansão dos vocacionais dentro do ideário desenvolvimentista do período. Ademais, seria o ensino industrial meio de atender a carência de mão de obra qualificada na indústria. O autor localizou 39 (trinta e nove) projetos de criação de Ginásios Vocacionais em várias cidades de São Paulo, sendo atribuição do Serviço de Ensino Vocacional (SEV) e do secretário de educação abrirem novas unidades, todavia, existiram 06 (seis) abertas.

² CHIOZZINI, Daniel Ferraz. **Memória e História da Inovação Educacional no Brasil: o caso dos Ginásios Vocacionais (1961/1970)**. Curitiba: Appris, 2014.

O autor deixa uma reflexão em aberto ao leitor. Em que medida o raciocínio na crença do papel redentor da educação, a expansão seria seguida pela precarização da escola pública, e a eliminação de projetos experimentais, o apagamento da memória das metodologias e técnicas, e de suas diretrizes políticas pedagógicas?

No segundo capítulo, denominado: *a sistematização da proposta educacional dos ginásios vocacionais e a construção da memória*, ganha relevo análise do marco temporal da “crise de 68”, que recebeu destaque do autor ao interpretar o material produzido acerca do Simpósio do Ensino Vocacional realizado em 7 a 13 de junho de 1968, em São Paulo, e, publicados na Revista Ciência e Cultura e na Revista Educação Hoje. Nestas constam-se referências às atividades das primeiras cinco unidades dos vocacionais, entre anos de 1964 e 1967, tais como: pesquisas de comunidade, planejamento, avaliação, estudos do meio. Com o objetivo de compreender a cultura da época e sua relação com a produção de documentos desta proposta educacional, esta fonte ganhou destaque, devido à visibilidade de tornar públicas as concepções, metodologias e técnicas usadas nos vocacionais, somada ao seu contexto quando tiveram a demissão de um grupo de coordenadores que já atuavam na experiência, iniciando novos educadores após este simpósio.

No terceiro capítulo, *vozes dissonantes*, autor explorou diferentes documentos internos do SEV, percebendo memórias diferenciadas da experiência dos vocacionais, bem como na divisão interna dos grupos em relação a 1968, entendida como ponta do iceberg. De outra parte, fornece destaque para a atuação da educadora Maria Nilde Mascellani, devido sua posição de coordenação deste sistema de ensino, tendo esta inicialmente uma posição de “viés conservador” em sintonia com um “desenvolvimentismo educacional”, e ao longo dos anos seu posicionamento tornou-se próximo dos grupos políticos questionadores do regime militar, culminando com a demissão do grupo de supervisores mais moderados nos anos de 1968. Ainda, enuncia outras vozes, como de Olga Bechara, ex-supervisora de orientação pedagógica, e do Newton Cesar Balzan, supervisor dos Estudos Sociais, como importantes para confecção da dissonância na construção do projeto educacional do vocacional.

Por meio das gravações das reuniões da equipe do SEV e dos supervisores de área, - ao avaliarem os trabalhos de professores da área de Estudos Sociais, Práticas Comerciais, Artes Plásticas e Artes industriais, - trouxe memórias dos debates circularam na compreensão de um trabalho em construção dos professores sem, contudo, operar a dicotomia entre trabalho manual e intelectual, na crítica da separação ente ação e educação. Para as realizações dos estudos do meio nas escolas como um todo, como exemplo os registros dos debates tem uma autocrítica do trabalho que vinha sendo desenvolvido nos vocacionais, negando ser esta técnica uma excursão, mas sim um estudo contendo objetivos de ensino e aprendizagens previamente planejados. Autor analisou uma massa documental a ponto de considera que o questionamento do trabalho que vinha sendo desenvolvido nos ginásios foi resultado de um movimento iniciado dentro do próprio Serviço de Ensino Vocacional, desde maio de 1968. Defende a ideia de que este ocorreu entre os integrantes docentes dos vocacionais, a autocrítica do trabalho, que vinha sendo desenvolvida, como exemplo: a preocupação de não se fazerem excursões e sim estudos do meio; ou, ainda os professores e professoras da área de Estudos Sociais estavam em debate constantes sobre o recorte teórico de outras áreas a serem integradas; e, por fim, a dissonância da área de artes em relação aos estudos do meio, considerada uma prática polêmica na transformação da realidade social.

Na palestra da educadora Maria Nilde Mascellani dirigida aos professores dos vocacionais, no final do ano letivo de 1968, colocou as futuras mudanças previstas para os ginásios vocacionais, no sentido de uma reestruturação da experiência. Um debate inserido na perspectiva de qual seria o papel da Escola frente à Sociedade, ou, sobre qual lugar social cabia a Escola exercer. Todavia, a experiência dos vocacionais não participou diretamente destes debates, devido sua interrupção exercida pelo regime autoritário.

Os três capítulos desta obra, em certa medida, abordam sobre a valorização da construção do trabalho dos professores na educação secundária no Brasil. Os professores e professoras dos vocacionais participaram de uma equipe avaliada nos seus fazeres e saberes e eram postos em constante desenvolvimento de sua docência, bem como provocados a fazer mudanças de cunho qualitativo no ensino e na aprendizagem, tendo em vista uma educação centrada no aluno e aluna. A atualidade deste livro pode ser abordada por variados prismas, de forma sumária, advogo uma sob meu ponto de vista, que se torna fundamental no contexto atual da profissão docente do ensino básico e médio, que seria a urgência de reavivarmos as memórias e histórias das melhores condições de trabalho, como foco na valorização da produção dos saberes dos professores e professoras.